

INTERAÇÕES SOCIAIS E REVITALIZAÇÃO DA MEMÓRIA DA FÁBRICA CHIARELLI

SOCIAL INTERACTIONS AND REVITALIZATION OF THE MEMORY OF CHIARELLI'S FACTORY

Gabriela Arruda NEHEMY¹, Alessandra Salvador Alexandre STRASSA²

1. *Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade Mogiana do Estado de São Paulo, 13844-070 Mogi Guaçu, Brasil. E-mail: gabi.nehemy@gmail.com*

2. *Arquiteta e Urbanista, Doutora em Urbanismo, Professora Titular do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade Mogiana do Estado de São Paulo, 13844-070, Mogi Guaçu – SP, Brasil. E-mail: profalessandra@unimogi.edu.br*

RESUMO

A crise global causada pela doença Covid-19, gerou muitas mudanças em todos os setores estruturais das populações mundiais, o que culminou no isolamento social para o combate da doença, afetando também a dinâmica dos centros urbanos. Através da coletânea de artigos, teses, livros e imagens, visa-se elaborar uma pesquisa para melhor compreensão do estado atual e como arquitetos urbanistas deverão solucionar a problemática recorrente da pandemia e proporcionar ambientes públicos com melhores condições para interações sociais utilizando o reaproveitamento de áreas abandonadas, uma vez que as cidades já possuem uma estrutura própria. Tais documentos servirão de base para a assimilação das informações junto com o registro de experiências de diferentes tipos de centros culturais. Nesse contexto, a reutilização desses espaços reformulados de maneira a promover soluções sanitárias que se adequam a atual realidade, possibilitará que as áreas públicas se tornem novamente o palco das dinâmicas de relações entre indivíduos.

Palavras-chave: Centro cultural; Revitalização; Arquitetura; Urbanismo.

ABSTRACT

The global crisis caused by Covid-19, generated many changes in all structural sectors of the world's populations, which culminated in social distancing to fight the disease, also affecting the dynamics of urban centers. Through the collection of articles, theses, books and images, we aim to elaborate a research for better understanding of the current state and how urban architects should solve the recurring problems of the pandemic and provide public environments with better conditions for social interactions reutilizing abandoned areas, since the cities already have their own structure. Such documents will serve as basis for the assimilation of information, along with the record of experiences of different types of cultural centers. In this context, these reformulated spaces in a way that promotes sanitary solutions that fit the current reality, will make it possible for public areas to once again become the stage for the dynamics of relationships between individuals.

Keywords: Cultural centers; Revitalization; Architecture; Urbanism.

Recebimento dos originais: 20/01/2022.

Aceitação para publicação: 26/07/2022.

INTRODUÇÃO

A doença Covid 19¹ propiciou crises em vários setores estruturais dos países por todo o globo, levando ao colapso de muitas sociedades, governos e economias. O Mundo teve que parar, o ser humano se encontra em um ponto em que o ritmo do seu crescimento, a forma como criava, destruía e ocupava cidades, culminou em uma encruzilhada, uma vez que não é possível construir sem invadir a natureza. As pessoas tiveram que criar uma distância física, nesse meio epidêmico, para que fosse possível planejar maneiras mais saudáveis e naturais de conviver em sociedade. Nesse contexto, algumas perguntas nos vêm à cabeça. Para criar meios de a população sair do estado emergencial de uma pandemia, o que é preciso? Voltar ao passado? Criar um isolamento maior? Como um arquiteto urbanista deve projetar ambientes de agora em diante?

As cidades são os palcos para as vidas que as habitam, cenários diferentes para qualquer tipo de relacionamento que um indivíduo precisa ter com outra pessoa e com o seu espaço. Ambientes fechados, isolados, com falta de comunicação não permitem criar uma interação saudável nesse momento de surto contagioso, seja essa relação em coletivo, ou individualmente. A realidade de ter que estar separado do resto do mundo para desacelerar o processo de contaminação do corona vírus, desencadeou problemas como a depressão e o estresse em grande escala, mostrando como uma pessoa é moldada conforme o seu entorno. A sociedade é o reflexo do ser humano, assim como o ser humano é reflexo da sociedade.

Nesse cenário, os pensamentos de Jaime Lerner, arquiteto urbanista e político, escritos no livro *Cidades Para Pessoas* (2013) de Jean Gehl, já descrevem a relação que vivemos atualmente: “Criação humana por excelência, é nelas que as batalhas decisivas pela qualidade de vida de mais da metade da população do planeta serão travadas, e seus desdobramentos terão um efeito definidor no meio ambiente e nas relações sociais.” (GEHL, Jean. *Cidades Para Pessoas*. 2º Edição. São Paulo: Perspectiva, 2013).

Esta afirmação revela a ideia de como as escolhas que tomamos definem o ambiente em que vivemos. Pode até parecer algo redundante, dizer que as ações possuem reações, mas nem sempre agimos de modo a nos preocupar com elas e como nos afetarão no futuro. Se analisarmos o ano de 1960 por exemplo, podemos notar algumas mudanças que transformaram o jeito de projetar e de circular pela cidade. Essa época, que ainda se configurava pelo modernismo, onde não existia uma relação forte entre o indivíduo e o local onde habita e sua história, mas que já apresentava uma onda de pensamentos que rompiam com essa padronização que posteriormente se consolidaram como Pós-modernismo, também foi o momento em que arquitetos deixaram de planejar regiões pensadas na população que ali se instalaria e mudaram a escala para que pudessem ser inseridos os automóveis. Grandes avenidas cortavam a região tirando os espaços dos pedestres, que foram limitados à calçadas estreitas provenientes do urbanismo rodoviário, que se consolidou como resultado do capitalismo que ganhou força ao longo do séc. XX. Tal fato é abordado pelo autor Jean Gehl em seu livro, afirmando ter acompanhado toda essa transformação da arquitetura por ter se

¹ Segundo a OPAS, Organização Pan-Americana de Saúde, a COVID-19 é a doença infecciosa gerada pelo novo coronavírus, que se espalhou pelo mundo ocasionando uma pandemia, tendo como o seu ponto de origem Wuhan, na China em 2019.

formado no curso nos anos 60, trazendo a discussão de cidades, pessoas e suas escalas, e como os ambientes públicos moldam uma sociedade.

Dessa forma, esse modelo junto com uma complexa rede de mudanças sociais e econômicas, resultaram na diminuição do número de espaços públicos de qualidade, áreas de encontros e lazer, visto que não eram mais procurados. A circulação ficou mais rápida ao mesmo tempo em que percorríamos distancias maiores pelas vias largas que cortam as linhas urbanas, as praças foram reduzidas à quadras verdes sem nenhuma utilização, devido a necessidade de existência de uma área de respiração do município, tornando-se lugares escuros sem segurança.

O rumo dos acontecimentos não só reduziu as oportunidades para os pedestres como forma de locomoção, mas também deixou sitiadas as funções cultural e social do espaço da cidade. A tradicional função do espaço da cidade como local de encontro e fórum social para os moradores foi reduzida, ameaçada ou progressivamente descartada.” (GEHL, Jean. Cidades Para Pessoas. 2ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2013, pag. 03).

Nessa nova realidade, onde a prioridade são os carros ao invés das pessoas, nas regiões centrais os “olhos da cidade” diminuíram uma vez que as pessoas passaram a morar nos subúrbios devido ao grande crescimento urbano e o fato de possuírem meios de locomoção para longas distancias, deixando essa região como área predominantemente comercial, culminando para que se torne deserta e desprotegida em momentos fora do horário de pico. Essa problemática é levantada pela primeira vez por Jane Jacobs, que clama em seu livro, Morte e Vida de Grandes Cidades (1961), por alterações significativas no modo como construímos a sociedade, e reafirmada no livro Cidade Para Pessoas de Jean Gehl, mostrando que o aumento do tráfego de automóveis tornaria a sociedade mais individualista, e como descrita pela autora, “cidades sem vida”.

Outro problema que encontramos nos focos onde nasceram os municípios no Brasil, é que grande parte das áreas de convívio que ainda existem, são privadas e destinadas à um determinado grupo elitizado, uma vez que a entrada é monetizada, assim como os clubes, shoppings e *boulevards*. A desigualdade é existente, e a população que não pode pagar por esses benefícios, busca ocupar os espaços que sobraram, podendo ser esses um terreno vazio em frente de um bar, ou qualquer lugar aberto, mesmo que tenha características precárias sem qualquer infraestrutura, mas que permitam aglomerações, já que a interação é uma necessidade básica.

Concluindo essas problemáticas, a arquitetura e o urbanismo vieram desde o princípio da sua existência promovendo reflexões e novas estruturas para se adequar as novas realidades que vão surgindo. O ser humano precisa interagir com o próximo, visto que somos uma espécie que vive em comunidade, e o surto causado pelo corona vírus, restringiu as oportunidades desses eventos causando um grande sentimento de perda na população que anseia pela volta a vida nas ruas em coletivo, uma vez que a saúde pública sempre foi o pivô das mudanças espaciais e legislativas dos aglomerados urbanos. Porém, nada valera essa experiência se arquitetos não proporcionarem ambientes que integrem a todos, de maneira segura e saudável, pensando nos próximos desafios que compreendem a atual realidade pandêmica, visando proporcionar qualidade de vida para a população.

As cidades devem pressionar os urbanistas e os arquitetos a reforçarem as áreas de pedestres como uma política urbana integrada para desenvolver cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis. Igualmente urgente é a reforçar a função social do espaço da cidade como local de encontro que contribui para os objetivos da sustentabilidade social e para sociedade democrática e aberta. (GEHL, Jean. Cidades Para Pessoas. 2º Edição. São Paulo: Perspectiva, 2013, pag. 06).

CONTEXTO HISTÓRICO DE MOGI GUAÇU

A cidade de Mogi Guaçu situada no interior do estado de São Paulo, possui cerca de 153.033 habitantes em uma área de 812,75 quilômetros quadrados, conforme dados do IBGE de 2021. Segundo a prefeitura da cidade, o início da sua história no século XVII, teve-se quando índios Caiapós habitavam a região até o momento que os bandeirantes chegaram no local (1650), possibilitando o desenvolvimento da região culminando no nascimento da civilização e o comércio a partir das margens do rio Mogi Guaçu, cujo o qual a cidade recebeu nome em homenagem e se orgulha.

Seu desenvolvimento econômico decorreu da comercialização do café, sendo esse um dos símbolos do brasão de Mogi Guaçu. Os traços da arquitetura e do urbanismo da época ainda são visíveis no centro da cidade, como na Igreja Matriz fundada em 1740 pela técnica de taipa e pilão seguindo o modelo do Barroco Colonial, junto com as ruas, que hoje são consideradas estreitas para o tráfego urbano, mas que antes serviam como vias por onde passavam as boiadas e o próprio café.

A economia crescente gerada desde então, trouxe para a cidade a instalação do ramal ferroviário da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro (1875), prolongada de Mogi-Mirim até Casa Branca, junto com a construção da ponte de ferro que em 1979 sobre o rio Mogi Guaçu, que veio a trocar os seus trilhos pelo asfalto em 1979 devido a demanda urbana da época, como descrito no Blog de Ralph Giesbrecht, em 2011.

Foi sede das maiores indústrias de cerâmica do país, devido à grande demanda de italianos que vieram para a cidade trazendo suas técnicas construtivas de alvenaria que se adaptaram perfeitamente com a argila Taguá encontrada em abundância na região, cujo a qual está representado na bandeira da cidade onde as cores vermelho e amarelo representam a argila e a riqueza que a mesma trouxe para a população respectivamente. Um dos maiores exemplos das indústrias nesse setor são as fábricas Chiarelli (figura 1), Armani e Martini, as quais foram fatores primordiais para a ampliação da cidade, proporcionando maior número de empregos, assim como uma crescente no número de loteamentos para os trabalhadores que se instalariam na região junto com uma melhora no desenvolvimento do comércio local e nacional. Infelizmente, tais indústrias, vieram a falência devido à má administração e conduta obsoleta, deixando para trás apenas ruínas do antigo império.

Quando uma pessoa de fora chega na cidade de Mogi Guaçu, provavelmente não irá reconhecer o passado das cerâmicas da cidade de primeira instância, pois muito foi destruído e poucos marcos restaram das grandes indústrias e construções antigas que foram à decadência anos atrás. Mas a história ainda é contada por pessoas que trabalharam nas fábricas, nos

mostrando toda a grandiosidade dessa dinastia e como esse comércio transformou toda uma geração da época marcada por esse crescimento.



Figura 1: Cerâmica Chiarelli

Fonte: Eriton, 2021.

A partir do momento que foram analisadas as áreas de lazer na cidade, é possível ver que a maior parte desses locais vieram de marcos importantes para a história da região. De princípio encontramos a praça Rui Barboza, localizada no centro do município junto a Igreja Matriz, que de primeira instância já podemos perceber que não segue o mesmo modelo arquitetônico que as outras praças da cidade. Enquanto as demais são quarteirões verdes com uma pequena quantidade de mobiliário urbano, a Praça Rui Barbosa é um espaço formado pelo comércio a sua volta, característica no planejamento urbano da época colonial possuindo como referência as áreas de convívio da era medieval na Europa.

Nesse contexto, é possível dizer que esse é um dos únicos terrenos com essa destinação realmente utilizado pelo público em Mogi Guaçu, pois a mesma continua o ritmo, ao invés de ser uma quebra para que possa ter uma respiração do ambiente urbano, como as áreas verdes com alguns bancos espalhados sobre a mesma como tanto vemos pelo Brasil e na própria cidade. Ambientes com aquela qualidade constroem a marca social da cidade, moldam toda uma geração e guiam o tipo de interação que uma pessoa pode ter com a outra; lugares com muita vegetação no meio de áreas residenciais acabam por contribuir para os problemas de segurança do meio em que estão inseridos, por muitas vezes não serem convidativos, abrigar vários espaços escuros e até mesmo a falta de manutenção que pode acontecer por parte do município.

Na atualidade, existem muitas áreas degradadas e vazias no centro da cidade, ou em regiões próximas por conta do fechamento das indústrias, se tornando lugares perigosos para aqueles que habitam a região. Um exemplo é o local onde estava instalado a Cerâmica Chiarelli, o grande terreno é o lar das ruínas da fábrica há anos, e por mais que não seja mais da família Chiarelli, ainda é propriedade privada e continua inativa devido ao mercado imobiliário. Mas se essa área próxima ao centro fosse pública? Um centro cultural com um conceito aberto, respeitando a história do patrimônio com programas que somassem a população, traria uma melhora significativa de qualidade de vida para o município, tirando as pessoas dos lugares com infraestrutura precária, como uma ampliação na frente de um bar como tanto encontramos pelas ruas.

REFERÊNCIA PROJETUAL: CENTRO POMPIDOU



Figura 2: Centro Georges Pompidou

Fonte: ArchDaily (2019).

Inaugurado em 31 de janeiro de 1977, o Centro Georges Pompidou (figura 2) localizado em Paris, na França, vem recebendo anualmente 6 milhões de visitantes do mundo todo, devido ao seu grande impacto na população, tanto pelo seu projeto arquitetônico quanto por seu conceito de como agrupar e receber as pessoas. O Prédio é sede do maior Museu Internacional de Arte Moderna na Europa alojado no quarto e quinto andar, abrigando também a *Bibliothèque Publique d'Information* e o IRCAM, centro para músicas e investigações acústicas, projetados pelos arquitetos Renzo Piano e Richard Rogers (ARCHDAILY, 2019).

O projeto ganhador do concurso proposto pelo presidente da época, é referência da arquitetura Brutalista industrial de modo a mostrar todo o seu sistema estrutural, onde tubos, aço, sistemas de hidráulica, elétrica e ventilação juntos com uma dinâmica de cores, vieram a se tornar elementos decorativos do edifício. A cor branca é utilizada para a parte estrutural, o prateado para destacar as escadas e os elevadores, o azul é usado para os elementos verticais, laranja e amarelo para o sistema elétrico, e o verde para o sistema de hidráulica e incêndios. Apresenta um grande contraste em relação a paisagem da cidade que foi marcada por características do Barroco e do Gótico, o que gerou muita polêmica na época em que foi construído.

A ideia foi a de criar um edifício totalmente novo, que chocou muito os parisienses quando foi aberto porque parecia uma fábrica. Mas a originalidade era que o público podia encontrar ali todas as disciplinas artísticas e circular entre música, arte, cinema, enfim, todos os domínios culturais do século XX. (LEHALLE, Brigitte, apud blog VivaDecoraPro).

O prédio ocupa menos da metade de seu lote, permitindo que as pessoas fiquem em seu jardim para eventos ao ar livre durante o dia a dia, acarretando para uma melhor interação social com o ambiente ao redor. O que de fato agora em diante será um recurso essencial para os centros de lazer e cultura no mundo pós-corona vírus, já que ambientes fechados não serão procurados recorrentemente devido às novas vigentes sanitárias que necessitam ser seguidas e a busca da população que devido aos acontecimentos da pandemia, cansou de ficar trancados em ambientes confinados.

espectador tenha uma noção espacial diferente da dinâmica habitual de anfiteatro que é encontrado, proporcionando uma maior proximidade da platéia com a cena, uma vez que o palco não possui limites. O prédio que havia sido projetado originalmente na década de 1960 por José Carlos Martinez Correa, passou por várias experimentações por meio de Lina Bo Bardi, para que no final proporcionasse uma dinâmica de aproximação entre culturas e o simbolismo à arquitetura, unindo o prédio à cidade e ao movimento da rua.

A arquibancada foi disposta em 4 níveis de maneira a comportar 350 pessoas em um vão de 13 metros de altura contrastando um com palco de 1,50 metros de largura e 50 metros de comprimento. Possui técnicas construtivas mistas uma vez que unem método de duas épocas diferentes, com estruturas metálicas apoiando paredes de tijolos maciços no meio de grandes aberturas que juntos com uma vegetação presente, proporcionam conforto térmico e iluminação natural ao teatro. Neste projeto, Lina procurou mostrar e reafirmar a relação que o ser humano tem com o seu espaço, uma linha tênue que divide como apresentar e observar a arte com os seus sentidos. Respeitando o próprio edifício, a sua história e o seu contexto, a reforma não deixou de trazer inovações materiais e conceituais usando uma linguagem harmoniosa e flexível pra a dualidade das duas épocas.

REFERÊNCIA PROJETUAL: FÁBRICA BHERING

Na região portuária da cidade de Rio de Janeiro, a antiga fábrica de chocolates Bhering renasce em um novo formato. O espaço que antes era ocupado por equipamentos, máquinas e operários, foram substituídos por artistas, comerciantes e ateliês (figura 5). O que culminou para que o mais novo centro de artes viesse a fazer parte do Circuito ArtRio em 2011.



Figura 5: Interior da fábrica Bhering

Fonte: Site: viagemdeaz.com, 2019.

As primeiras pessoas a alugarem o espaço e instalarem suas unidades, chegaram antes mesmo de o prédio ser leiloado e tombado. Essas, pagavam um aluguel muito barato, o que facilitou para o edifício ser tornar procurado por mais artistas, porem problemas jurídicos quase acarretaram no despejo coletivo dos mesmos na época em que aconteceu o leilão. Felizmente, parte do problema foi resolvido quando a prefeitura tombou o complexo gerando um grande crescimento no movimento de transformar a fábrica abandonada em um espaço cultural. Na

atualidade, 50 artistas e 40 empreendedores dão vida aos 6 andares do prédio que contem estabelecimentos como restaurantes, brechós, livrarias, galeria, estúdios de artes e espaço para eventos. Foi instaurado no local a ACO28 – Associação Criativa Orastes 28, de modo a ter um acordo judicial pensado no coletivo daqueles que ali se estabeleceram independentemente de cada departamento ter uma administração singular. Construída no ano de 1930 e desativada em 1990, a fábrica que foi pioneira ao vir para o Brasil produzir e comercializar café torrado e moído e chocolates, se encontra no bairro histórico e industrial, que assim como o próprio edifício, possui suas marcas do tempo bem visíveis causadas pelo abandono.

Sua revitalização é parte do projeto “Porto Maravilha” criado pela prefeitura em 2009 visando transformar o entrono da região portuária em uma área de comercio e turismo através de uma série de obras públicas. Uma das premissas desse plano é o fato de fazer uma fusão entre a arte e o cultural com o tradicional do local valorizando obras grandiosas. Esse planejamento foi realizado esperando e sabendo que a cidade de Rio de Janeiro seria palco para grandes eventos mundiais, tais como a Copa do Mundo em 2014.

Trata-se de uma operação mista, realizada por meio da maior parceria público privada do país. A partir de 2010, importantes obras públicas, viárias e de saneamento, começaram a ser feitas na região portuária. Na segunda fase dessas reformas urbanísticas, o capital privado está sendo massivamente investido na construção imobiliária. Graças a uma legislação favorável aos interesses privados, a Prefeitura tenta atrair capitais e investidores nacionais ou estrangeiros para a região. Nessa operação urbana, os poderes públicos, proprietários da grande maioria dos terrenos, aparecem mais como agentes do que como reguladores do mercado. (SOUTY, 2013, pp. 02).

No geral, o prédio não sofreu grandes alterações na sua estética, mantendo a imagem industrial e o desgaste que sofreu com o tempo, que virou um ornamento e o atrativo do lugar, contrastando a vida contemporânea com o começo do século, reafirmando, a todo o momento, a história do local em todas as suas atuações. Sua “renovação” aconteceu no interior com as novas ocupações, pessoas e eventos que preenchem o local e no exterior do prédio com o impacto que sua nova utilização promoveu na região, inspirando cidades por todo o globo, com os resultados positivos agregados para o bairro portuário e o incentivo à cultura e estabelecimentos locais.

REVITALIZAÇÃO DA CERÂMICA CHIARELLI

No centro da cidade de Mogi Guaçu, estão localizadas as ruínas da fábrica da Cerâmica Chiarelli fundada em 1936 (ver figuras 6 e 7), que compõe a paisagem de uma grande área sem função no meio da malha urbana. Essa é mais uma das fábricas da cidade das cerâmicas, que ao entrarem em falência, resultaram no esquecimento e abandono pelos cidadãos, das áreas que antigamente eram palco de uma grande movimentação de entra e sai por parte dos trabalhadores. Complexos bem localizados e de fácil acesso, porém em desuso para a demanda da região voltada para o comércio. Dar um novo uso para essas construções ajudaria a melhorar a qualidade de vida daqueles que estão estabelecidos próximos do local e a própria circulação da cidade, transformar a fábrica abandonada em um centro cultural, se transformando em sede de múltiplas atividades. O mesmo processo foi usado na revitalização da fábrica da Bhering que

hoje é referência no meio cultural pela nova utilização do edifício, que antes de ser tombado, também era uma área privada assim como no caso da cerâmica.



Figura 6: Visão dos fundos da antiga Cerâmica Chiarelli

Fonte: <https://www.emerenciano.com.br/blog/index.php/2019/09/16/em-sp-quase-60-das-empresas-em-recuperacao-judicial-viram-zumbis/>, 2019



Figura 7: Ruínas da Fachada Cerâmica Chiarelli

Fonte: Gabriela Arruda Nehemy, 05/10/2021

Promover um centro cultural na antiga cerâmica Chiarelli, auxiliaria a região de diversas maneiras, como a melhora na segurança da vizinhança escura e repleta de terrenos baldios trazendo luz e movimentação de pessoas. Resgataria uma memória afetiva da cidade que cresceu por conta das cerâmicas, mas que foram destruídas por meio de uma série de demolições em massa nas antigas fábricas, uma vez que se manteria a linguagem original da arquitetura industrial da época e o manuseio da argila taguá. Ajudaria a suprir a escassez de edifícios públicos com uma boa infraestrutura que a população realmente pudesse usufruir e aproveitar, sem precisar se reunir em praças compostas por um simples gramado e alguns pontos de iluminação. Além do fato de estar localizado em uma região totalmente privilegiada e de fácil acesso, tanto como pelas áreas comerciais, quanto pelo acesso à grandes avenidas, como a Avenida Brasil, a Avenida Oscar Chiarelli e a Avenida Padre Jaime.

A cidade de Mogi Guaçu não possui muitos programas e eventos que não sejam privados para a população usar em seus momentos de lazer com qualidade, por esse motivo, a maior parte dos habitantes se reúnem no “Campo da Brahma”, uma praça arborizada e com alguns pontos de iluminação que é rodeada por bares e restaurantes, mas que não possui uma estrutura em si para receber as pessoas. O município vem crescendo no meio comercial, inaugurando shoppings e *boulevards*, mas esses não agregam culturalmente de maneira

significativa à cidade. Ter um espaço controlado para se expressar, comunicar e reunir com outras pessoas, é exatamente o que as pessoas precisam no momento pós pandemia. Se reconectar com a sua cidade e história, voltando as origens, para respirar após esses anos de turbulência.

Desta forma, ao somar toda essa questão emocional com o fato de reerguer uma região abandonada, é um dos caminhos para atividades de revitalização e inserção à uma nova rotina do município, consertar o que está saturado, como a superlotação de ambientes sem áreas arejadas e incidência solar, reconfigurando o mapa central da região, de modo a melhorar a vida urbana, a saúde física e mental daqueles que frequentam o polo comercial. O Centro Cultural Chiarelli, seria um lugar acolhedor, artístico e sem fins lucrativos, destinado a forma livre de expressão, o convívio e a história. Algo tão pertencente ao município quanto a arte para o ser humano. Uma opção para aqueles que simplesmente desejarem conhecer as peculiaridades e singularidades de Mogi Guaçu e sua população.

VOLUMETRIA E PROGRAMA DE NECESSIDADES

Nas figuras 8 a 10 podemos entender melhor o contexto local, as vias que dão acesso ao local escolhido, a vista das ruas e o formato da área.

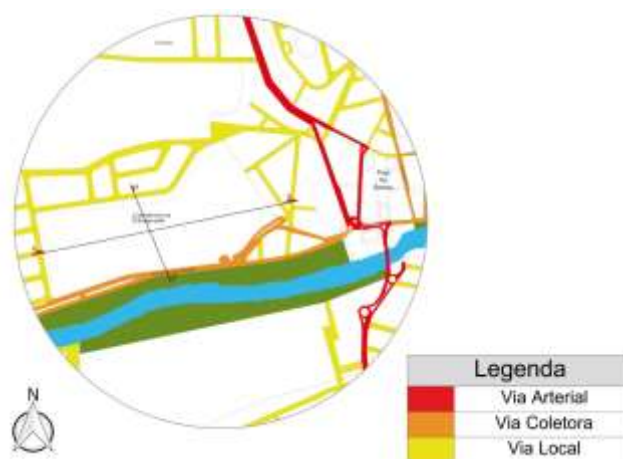


Figura 8: Mapa descritivo da área
Fonte: Gabriela Arruda Nehemy, 2021



Figura 9: Corte CC da Av. Oscar Chiarelli
Fonte: Gabriela Arruda Nehemy, 2021



Figura 10: Área de atuação

Fonte: Gabriela Arruda Nehemy, 2021

O prédio ocupa uma área de aproximadamente 100.000m² (ver figura 11 e 12) e utilizaria da portaria original da indústria como principal entrada ao terreno. O espaço possibilita a criação de um grande espaço verde, onde as pessoas possam se reunir, fazer atividades ao ar livre e até mesmo utilizar o a área para apresentações usando um palco que estará à disposição. Um espaço convidativo à população em seu entorno de modo a participar da composição, do mesmo modo trabalhado no Centro Pompidou que também possui uma linguagem mais industrial, e usufrui do gramado com vista para o próprio edifício como palco para interações sociais.

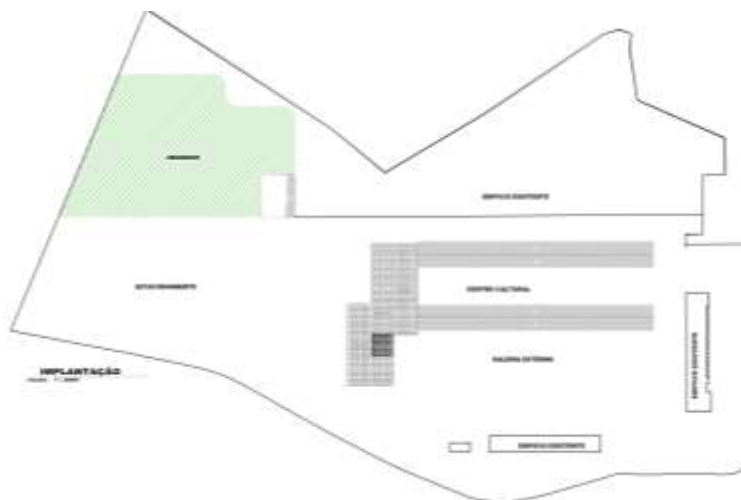


Figura 11: Planta de implantação

Fonte: Gabriela Arruda Nehemy, 2021



Figura 12: Planta Baixa

Fonte: Gabriela Arruda Nehemy, 2021



Figura 13: Elevação 01

Fonte: Gabriela Arruda Nehemy, 2021

Em frente ao edifício, acontecerá uma praça de concreto utilizando os pilares que ainda estão em pé da antiga fábrica, e fechando algumas aberturas para montar uma galeria externa destinada ao grafite, uma arte de rua que geralmente é encontrada em lugares abandonados, trazendo essa linguagem de um ambiente desamparado em contraste com a nova atuação do local. Como estão demonstradas na figura 13 e 14.



Figura 14: Elevação 02

Fonte: Gabriela Arruda Nehemy, 2021

Entrando no edifício no complexo que se mostra de maneira vertical, estará o coração da Chiarelli, uma galeria interna composta por toda estrutura deixada pelo tempo, respeitando os dois metros de alvenaria do galpão original e subindo paredes de vidro no lugar das talhas que cobriam o complexo. A linguagem de uma fábrica que estava abandonado será mantida, deixando partes intocadas para exposição ao redor do prédio principal de modo que o visitante possa ver a passagem do tempo nas paredes em ruínas, por dentro da nova estrutura de vidro do prédio principal. Também comportará um restaurante fixo com um deque para o lado externo e uma cafeteria para atender o lado interno. Nesta área é possível fazer uma correlação com a disposição utilizada por Lina Bo Bardi no teatro Oficina em São Paulo na utilização dos materiais, que ao mesmo tempo em que ambos possuem a tradicionalidade dos tijolos maciços, também se contrapõem com estruturas de ferro e vidro.



Figura 15: Elevação 03

Fonte: Gabriela Arruda Nehemy, 2021

Possuindo a galeria como ponto de partida, ao lado, o centro cultural se desdobra criando uma longa extensão horizontal que se apresenta atualmente em melhores condições do que o resto dos escombros, onde serão dispostas as salas para oficinas de arte, música e dança, enriquecendo a região com um novo polo-cultural que abastece a cidade (figura 15).



Figura 16: Elevação 04

Fonte: Gabriela Arruda Nehemy, 2021



Figura 17: Elevação 05

Fonte: Gabriela Arruda Nehemy, 2021

Neste enredo, as atividades realizadas no centro cultural da Cerâmica Chiarelli, completarão o programa já utilizado no Centro Cultural TUPEC, Tudo Pela Cultura, inaugurado em 2000 e localizado na Avenida dos Trabalhadores, que disponibiliza para aqueles que desejarem um grande anfiteatro com camarim, aulas de pintura e de música, exposição de arte e a biblioteca municipal.

O fato de o terreno ser grande, facilita na implantação das medidas sanitárias reafirmadas durante o período vivido pela contaminação do corona vírus, deixando em menos evidencia o uso de estabelecimentos com sua capacidade máxima que não possuem o usufruto da ventilação e a luminosidade natural (figuras 16 a 20), resultando no maior destaque de projetos que possuem um planejamento de ambientes externos pela proximidade com a natureza na utilização da vegetação, que proporciona melhor qualidade na estadia dos visitantes durante o período.



Figura 18: Elevação 06

Fonte: Gabriela Arruda Nehemy, 2021



Figura 19: Elevação 07

Fonte: Gabriela Arruda Nehemy, 2021



Figura 20: Elevação 08

Fonte: Gabriela Arruda Nehemy, 2021

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pandemia, o ser humano abriu mão do seu lado social e cultural de maneira presencial devido às medidas preventivas perante Covid-19, porém essa realidade do isolamento não é permanente, os estabelecimentos voltarão a abrir e logo aglomerações serão permitidas de novo. Entretanto, é certo dizer que uma cicatriz permanecerá em cada pessoa e muitos não conseguirão viver do mesmo modo do que antes de 2019, o ano que foi o momento

de partida de toda essa transformação. As pessoas procurarão ambientes que promovam um certo tipo de segurança em questões sanitárias com mais frequência que antes, e unindo esse fato com o medo do coletivo, os prédios públicos precisarão passar por mudanças que satisfaçam a nova demanda, promovendo lugares mais amplos e arejados, evitando projetos confinadores.

Nesse contexto, o desenho urbano também sofrerá modificações uma vez que acontece uma metamorfose na demanda da população, onde ambientes sem infraestrutura, como quadras ou terrenos em frente de estabelecimentos que promovem agrupamento de pessoas sem nenhuma organização, já não são mais aceitos, uma vez que coloca em risco a saúde dos indivíduos.

A escolha dos centros abandonados para promover a execução dessas exigências, como as regiões industriais no meio da civilização, revitalizados e dando um novo uso para o que estava estagnado, é um meio fácil e rápido de propor uma melhora significativa no meio de uma região que já teve o seu crescimento e vinha de uma condição bem estruturada por muito tempo. Desta forma, o projeto promove a união do fixo com o mutável, se adequando a necessidade global que a população enfrenta, resolvendo problemáticas que já eram existentes antes da nova realidade pandêmica, e a renovação e renascimento da história e identidade da cidade, trazendo à tona o que estava adormecido.

REFERÊNCIAS

- BLOG DO RALPH GIESBRECHT. 2011. Disponível em: <http://blogdogiesbrecht.blogspot.com/2011/02/pontes-que-duram-uma-vida.html> . Acessado 29 de Maio 2021.
- BORDENAVE, Geisa. A “antiga fábrica da Bhering” e o projeto de “revitalização” da zona portuária do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ano 2018, vol. 9 n. 1, p. 47-62. ISSN 2176-6789.GEHL, Jan. Cidades Para Pessoas. 2 Edição. São Paulo; Perspectiva, 2013.
- CENTRO GEORGES POMPIDOU: Veja 5 curiosidades sobre a obra que chocou Paris! VivaDecoraPRO. 2019. Disponível em: <https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/centro-georges-pompidou/> . Acessado 03 de Abril 2021.
- CLASSICOS DA ARQUITETURA: CENTRO GEORGES POMPIDOU / Renzo Piano + Richard Rorges. ArchDaily. 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-41987/classicos-da-arquitetura-centro-georges-pompidou-renzo-piano-mais-richard-rogers> . Acessado 03 de Abril 2021.
- CLÁSSICOS DA ARQUITETURA: TEATRO OFICINA / Lina Bo Bardi e Edson Elito. ArchDaily. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/878324/classicos-da-arquitetura-teatro-oficina-lina-bo-bardi-e-edson-elito> . Acessado 24 de Maio 2021.
- EMERICIANO BAGGIO & ASSOCIADOS. 2019. Disponível em: <https://www.emerenciano.com.br/blog/index.php/2019/09/16/em-sp-quase-60-das-empresas-em-recuperacao-judicial-viram-zumbis/>. Acessado 29 de Maio 2021.
- FOTOS> ARQUITETURA> ARQUITETO> BARDI, LINA BO. NELSONKON. 2019. Disponível em: <http://www.nelsonkon.com.br/teatro-oficina/>. Acessado 15 de Março 2021.
- HISTÓRIA: FOTOS DA CIDADE DE MOGI GUAÇU. Eriton. Disponível em: <http://www.eriton.com.br/historia.html> . Acessado 03 de Abril 2021.
- IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=447490&view=detalhes>. Acessado 10 de Abril 2021.

- MOGI GUAÇU: A cidade. Prefeitura de Mogi Guaçu. Disponível em: <https://www.mogiguacu.sp.gov.br/cidade.html> . Acessado 10 de Abril 2021.
- NOSSAS CIDADES: Arquitetura e urbanismo pós-coronavírus. MAPFRE. 2020. Disponível em: <https://www.mapfre.com/pt-br/actualidade/transformacao/arquitetura-y-coronavirus> Acessado 15 de Março 2021.
- ONU. Global Compendium of Practices on Local Economic and Financial Recovery: Buildin Urban Economic Resilience during ande after COVID-19. 1 Edição; UN-Habitat, 2021.
- SBARDELOTTO DA COSTA, Gustavo. Reconexão de espaços degradados à cidade por meio da reconversão de uso de vazios industriais: O caso do IV distrito de Porto Alegre. 140f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Porto Alegre, 2015.
- SOUTY, Jérôme. Dinâmicas de patrimonialização em contexto de revitalização de globalização urbana. Notas sobre a região portuária do Rio de Janeiro. Revista Memória em Rede, Pelotas, v.3, n.9, Jul./Dez.2013 – ISSN- 2177-4129.